

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM MATEMÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Aparecida dos Santos Nascimento¹

Bárbara Gomes de Almeida²

Luana Maria da Silva³

Shirley Targino Silva⁴

Josevandro Barros Nascimento⁵

RESUMO

O presente trabalho evidencia as contribuições do Estágio Supervisionado para a formação docente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, baseada em relato de experiência elaborado a partir de práticas e observações no componente Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual da Paraíba. Ancorado nos PCNs (1999), em Grandó (2020) e em Freire (2023), o estudo compreende o estágio como eixo estruturante da formação, por possibilitar imersão na realidade escolar, aquisição de experiência, desenvolvimento de competências, reflexão sobre a prática pedagógica e fortalecimento da identidade profissional. Como contribuição, oferece aos licenciandos uma visão introdutória do estágio, fomenta novas investigações e valoriza relatos que tomam a escola como espaço de aprendizagem. Os resultados indicam a necessidade de planejar estratégias de ensino futuras e reafirmam que o docente deve manter-se em permanente processo de desenvolvimento e adaptação às diferentes realidades educacionais.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado I, Reflexão, Prática pedagógica.

¹ Graduanda do Curso de licenciatura em Matemática da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, luana.maria@aluno.uepb.com.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, barbaraalmeidaa2002@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, luana.maria@aluno.uepb.edu.br;

⁴ Doutora em Educação, Doutora em Educação pela linha de História da Educação no PPGE da UFPB. Possui graduação em pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (2014) e mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2017). Professora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, targinoshirley@gmail.com.

⁵ Doutorando em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; Mestre em Ciências, Modelagem Matemática e Computacional pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Licenciado em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Professor da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, josevandrobarras@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

O presente relato apresenta experiências de observação e prática docente realizadas em uma turma do Ensino Fundamental II, no âmbito do Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, sob orientação do Prof. Me. Josevandro Barros Nascimento, na Escola Municipal Fabrício Batista de Araújo.

O trabalho tem por objetivo, a partir das experiências vividas, evidenciar a importância do estágio supervisionado na formação docente. Para muitos licenciandos sem contato prévio com a sala de aula, trata-se do primeiro encontro efetivo com o cotidiano escolar, momento em que teoria e prática se confrontam e emergem os desafios e as dificuldades inerentes à profissão. Assim, este relato busca oferecer um recorte da realidade escolar, apresentando de forma sintética e reflexiva aspectos que contribuem para a aprendizagem profissional do futuro professor.

Adota-se uma abordagem qualitativa, na modalidade relato de experiência, desenvolvida por meio de observação participante das aulas — rotinas, estratégias do docente regente, engajamento discente e clima de sala —, registros sistemáticos em diário de campo e fichas de observação, e análise documental (planejamentos, PPP e orientações curriculares). Realizaram-se ainda intervenções pontuais com breves momentos de regência (resolução de problemas, revisão de conteúdos e atividades práticas), acompanhadas de avaliação diagnóstica e formativa, seguidas de reflexões pós-aula orientadas pelo supervisor e articuladas a referenciais da formação docente e do ensino de Matemática.

Embora cada instituição tenha suas particularidades, muitas dinâmicas e características escolares se repetem. Assim, a relevância deste trabalho está em oferecer reflexões que dialoguem com a prática dos licenciandos, servindo como um norte do que se costuma encontrar no estágio. Além disso, apresenta um ponto de vista sobre a importância dessa experiência para os graduandos do curso de Licenciatura em Matemática, área que, na educação básica, ainda é cercada por receios, contribuindo para que as futuras intervenções pedagógicas sejam mais conscientes e eficazes.

Desse modo, as experiências vivenciadas podem fundamentar novas formas de interação com os estudantes, apresentando a Matemática de maneira contextualizada e acessível, contribuindo para desmistificar conceitos e reduzir os temores acumulados ao longo de sua trajetória escolar.



METODOLOGIA

Partindo de uma abordagem qualitativa, fundamentamos o delineamento e o rigor do estudo em Bogdan e Biklen (1994), Lüdke e André (2013), Minayo (2014), Flick (2009), Denzin e Lincoln (2006) e Bardin (2011); a discussão sobre estágio e formação docente apoia-se em Pimenta e Lima (2017), Tardif (2014), Nóvoa (1992), Schön (2000) e Libâneo (2013). As observações que compõem este relato foram realizadas em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, no turno matutino, com 19 estudantes, cujas aulas de Matemática eram ministradas por um docente regente. O estágio ocorreu em uma escola localizada no Distrito de São Miguel, município de Esperança–PB.

O estágio supervisionado foi realizado semanalmente, ao longo de três meses, e organizado em duas etapas. A primeira destinou-se à observação do contexto escolar, contemplando a rotina da turma e as interações entre professor e estudantes, bem como entre os próprios alunos. Como indicam as diretrizes do estágio, “os alunos deverão fazer o estágio de observação, participação e regência” e, na fase de observação, “ênfatiza-se o exercício da observação com coleta de dados” (Pimenta, 1995, p. 58-73). Nessa etapa, utilizou-se um diário de bordo para o registro sistemático das observações e a coleta de dados, posteriormente empregados na elaboração deste relato de experiência. Percebeu-se, ainda, a relevância da articulação entre a Matemática e outros componentes curriculares para a aprendizagem, uma vez que a interdisciplinaridade tende a favorecer a contextualização dos conteúdos, a resolução de problemas e, conseqüentemente, resultados mais positivos. Além disso, nesta primeira etapa, foi possível compreender a dinâmica das atividades, mapear rotinas e necessidades da turma e, a partir disso, formular hipóteses e delinear fundamentos teóricos que orientarão a segunda etapa do trabalho.

Na segunda etapa do estágio supervisionado, dedicada à regência, como defendem Pimenta e Lima (2017), o estágio organiza-se em momentos articulados, observação, participação e regência, que aproximam teoria e prática e favorecem a construção da identidade profissional do professor em formação. Nesse sentido, a regência ganha sentido justamente após a fase de observação, quando o licenciando planeja, intervém e reflete sobre os resultados. Buscou-se pôr em prática os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade e consolidados no período de observação, por meio da ministração de aulas. Esse momento possibilitou contato direto com a realidade da turma e da escola, aproximando o licenciando dos desafios concretos que provavelmente enfrentará quando estiver à frente de suas próprias turmas. Ambas as etapas tiveram igual



importância: enquanto a observação forneceu subsídios para compreender rotinas, perfis e necessidades, a regência permitiu experimentar estratégias, ajustar intervenções e refletir sobre os resultados em tempo real. Esse primeiro contato integral com a sala de aula possibilita vivenciar, ainda que parcialmente, as dificuldades do cotidiano docente, desenvolver empatia pela posição do professor e exercitar a formulação de possíveis soluções e de pressupostos pedagógicos para orientar práticas futuras.

Diante de toda a dinâmica observada no estágio, essa experiência pode ser decisiva para confirmar — ou não — a escolha pela carreira docente, pois é nesse momento que o confronto entre teoria e prática se concretiza. A realidade de muitas comunidades mostra-se, por vezes, distante do que se imagina encontrar em sala de aula. Assim, cabe a essa vivência indicar caminhos possíveis a cada graduando, auxiliando-o a reconhecer desafios, potencialidades e o percurso formativo que deseja trilhar.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com a Lei nº 11.788/2008, o estágio é “o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante”. Nesse sentido, torna-se evidente a importância do estágio supervisionado, pois ele aproxima o graduando do mercado de trabalho e do cotidiano profissional. É também no estágio que o licenciando observa a centralidade dos aspectos socioculturais na aprendizagem e suas contribuições para a construção do conhecimento do estudante. Nessa direção, Freire (2023) afirma: “A leitura do mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo” (p. 121).

Com isso, o graduando percebe que o estudante é capaz de pensar por si e construir suas próprias conjecturas, assumindo o protagonismo de sua aprendizagem — e não a posição de mero receptor de saberes prontos. Nessa direção, Freire (2023) afirma: “É preciso por outro lado, e sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor” (p. 121).

É necessário instigar o aluno a pensar e a construir suas próprias análises — tarefa que, muitas vezes, não é simples. Por isso, o estágio constitui uma excelente oportunidade para que o graduando comece a delinear estratégias didáticas, testar hipóteses e traçar



caminhos de intervenção. Assim, quando surgir a oportunidade, poderá colocar em prática, de forma consciente e fundamentada, aquilo que foi planejado e maturado durante a experiência de estágio. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Freire, 2023). Neste sentido o ensino deve estar centrado na transmissão para uma prática problematizadora, que provoca o estudante a investigar, argumentar e revisar ideias. Na formação inicial, isso implica o licenciando planejar situações de aprendizagem (resolução de problemas, projetos interdisciplinares, tarefas abertas) e articular mediações que ofereçam pistas, desafios graduados e *feedbacks* oportunos — em vez de respostas prontas.

Assim, O estágio também é essencial para que o futuro professor aprenda a enxergar o aluno como um sujeito dotado de sonhos, metas e potencialidades. Ainda que o docente exerça autoridade em sala de aula, é fundamental que compreenda que essa posição não o torna superior, mas responsável por mediar o processo de aprendizagem com respeito e empatia. O estágio possibilita reconhecer que o ato de ensinar envolve troca de saberes, na qual professor e aluno aprendem mutuamente: o educador aperfeiçoa sua prática e o estudante amplia sua compreensão de mundo. Ambos trazem consigo conhecimentos prévios, muitas vezes construídos fora do ambiente escolar, e essa interação favorece um clima de convivência harmonioso, que fortalece a autonomia e o crescimento de todos os envolvidos. Como defende Freire (2023), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 79), reafirmando que a educação é um processo dialógico, em que ensinar e aprender são ações inseparáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

partir do diário de bordo, foi possível elaborar um relato de experiência como resultado da prática no Estágio Supervisionado I. Nesse registro, observa-se que o professor regente ministrava suas aulas de quarta a sexta-feira, atendendo às turmas do 6º e do 9º ano. Às quintas-feiras, dia destinado à realização do estágio, a primeira aula era de Matemática. Assim, após a chegada de todos os estudantes, o docente promovia um breve momento de conversação, com o intuito de acalmar os ânimos e preparar a turma para o aprendizado. Essa estratégia mostrava-se eficaz, pois favorecia a concentração dos alunos durante a explicação dos conteúdos. Em seguida, o professor realizava uma recapitulação do tema trabalhado na aula anterior, buscando reforçar a compreensão e



promover a fixação dos conceitos. Essa prática evidencia a importância de metodologias que valorizam a continuidade do aprendizado e o diálogo como ferramentas pedagógicas.

Dando continuidade, as aulas iniciavam-se com a abordagem teórica, seguida pela aplicação prática dos conteúdos estudados, por meio de exemplos e exercícios de fixação. Considerando as metodologias utilizadas, foi possível observar a importância de inserir a realidade do estudante no processo de resolução de problemas. Nesse sentido, o professor demonstrava constante preocupação em conhecer a comunidade e o contexto social em que os alunos estavam inseridos.

Assim, ele buscava adaptar os conteúdos programáticos a temas que fizessem parte dessa vivência, exemplificando a aplicabilidade dos conhecimentos trabalhados e estabelecendo relações diretas com o cotidiano dos estudantes. A respeito disso os PCN (Brasil, 1999) citam: “Configura-se em uma forma de abordar a ciência num âmbito social, econômico e cultural. Dessa maneira, a contextualização não pode ser sinônimo apenas de cotidiano, mas sim o campo no qual, acontecem as relações da teoria científica com a realidade do aluno” (p.9). Essa forma de ensino facilita o entendimento e contribui para desconstruir o tabu existente entre aqueles que consideram a Matemática uma disciplina fria, restrita apenas a cálculos e fórmulas distantes da realidade dos estudantes.

Entre os diversos recursos utilizados na abordagem dos conteúdos escolares, destaca-se o uso de jogos como ferramenta de aprendizagem. O professor sempre defendeu sua aplicação e os incorporava em seus planejamentos de aula. Os benefícios desses materiais didáticos são inúmeros. Nesse sentido, Grandó (2000) ressalta:

“Ao analisarmos os atributos e/ou características do jogo que pudessem justificar sua inserção em situações de ensino, evidencia-se que este representa uma atividade lúdica, que envolve o desejo e o interesse do jogador pela própria ação do jogo. Além disso, envolve a competição e o desafio que motivam o jogador a conhecer seus limites e suas possibilidades de superação, na busca pela vitória, adquirindo confiança e coragem para se arriscar.” (p. 26)

Isso ficou evidente durante a observação, quando o professor aplicou o jogo da memória como recurso didático para a aprendizagem do conteúdo de potenciação com expoente fracionário, de forma lúdica e envolvente. A turma foi dividida em grupos, e pôde-se perceber o engajamento e a participação ativa dos estudantes, que, ao mesmo tempo em que se divertiam, desenvolviam habilidades cognitivas e elaboravam estratégias para vencer o jogo — e, conseqüentemente, assimilar o conteúdo da aula.



Na Matemática, na maioria dos casos, existem diversas formas de se chegar à solução de um problema. Diante disso, uma das observações feitas durante a experiência do estágio foi o cuidado do professor em apresentar diferentes caminhos para a resolução das atividades, possibilitando que cada aluno escolhesse aquele que lhe fosse mais acessível e compreensível. Nesse sentido, era evidente a cautela do docente ao detalhar cada etapa do processo, de modo que o estudante compreendesse a origem de determinados resultados e conceitos, desenvolvendo, assim, um raciocínio lógico consistente para alcançar os objetivos propostos.

Em relação à prática realizada durante a ministração das aulas, foi possível perceber o quão desafiador é manter a atenção dos alunos e, ao mesmo tempo, buscar estratégias que facilitem a compreensão dos conteúdos abordados. Diversos fatores podem contribuir para a distração dos estudantes; por isso, torna-se fundamental adotar recursos e metodologias que minimizem essas ocorrências e promovam um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e participativo.

Um fator que pode contribuir positivamente é o uso de uma linguagem mais acessível por parte do professor. Observou-se que, ao empregar uma linguagem excessivamente formal, o docente pode dificultar a assimilação da mensagem pretendida, comprometendo a compreensão dos alunos e reduzindo sua interação durante a aula. Além disso, essa distância linguística pode fazer com que os estudantes não percebam a relevância e a aplicabilidade dos conteúdos escolares em seu cotidiano.

A Matemática, por si só, já é uma disciplina frequentemente temida pelos estudantes. Trabalhá-la de forma excessivamente rigorosa, sem oportunizar a participação e a interação dos alunos na construção do conhecimento, pode resultar em um processo de aprendizagem pouco significativo. Cada aluno é uma “caixinha de surpresas”, e isso pôde ser constatado durante as discussões de apresentação dos conteúdos, nas quais houve uma rica troca de saberes. O professor, por sua vez, demonstrou humildade ao reconhecer e valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, adquiridos ao longo de suas experiências de vida. Essa postura evidencia o tipo de relacionamento que deve existir no ambiente acadêmico: pautado pelo respeito mútuo e pela humildade de ambas as partes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado representou uma oportunidade extremamente significativa, pois é nesse momento que o graduando/licenciado tem a chance de vivenciar a realidade escolar em sua totalidade, compreendendo que ela é constituída por pessoas



reais, com histórias, pensamentos, sonhos e experiências distintas. Essa vivência evidencia os diversos desafios que o futuro professor enfrentará ao exercer sua profissão, exigindo dele sensibilidade, empatia e preparo para lidar com diferentes contextos e individualidades. Assim, cabe ao docente o papel de ensinar e guiar os alunos na busca por seus objetivos, atuando como mediador do conhecimento e promovendo um espaço onde cada estudante tenha voz e possa se expressar livremente.

Além disso, o estágio proporciona o contato direto com a comunidade escolar e suas particularidades, permitindo ao graduando reconhecer a importância do ambiente sociocultural na formação dos alunos. Essa aproximação possibilita trazer elementos da realidade dos estudantes para a sala de aula, tornando o processo de ensino mais significativo e conectado ao cotidiano. Dessa forma, os discentes passam a ser vistos não apenas como aprendizes, mas como sujeitos de direitos, merecedores de respeito e do melhor ensino possível.

Por fim, tratando-se de um estágio voltado para o curso de Licenciatura em Matemática, a experiência vivida reforçou a necessidade de buscar metodologias e recursos que ultrapassem os limites do ensino tradicional. Tal perspectiva evidencia que a Matemática está intrinsecamente ligada ao cotidiano e deve ser apresentada de maneira contextualizada, acessível e significativa, aproximando o aluno do conhecimento e despertando nele o interesse pela aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Disponível em: <<https://www.nepomuceno.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/12/2016/10/Lei-do-Estagio.pdf>> Acesso em 30 de mai. de 2024

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília:MEC/SEF, 1999.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2023.



FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2023

GRANDO, Celia Regina. **O conhecimento matemático e o uso de jogos na sala de aula**. Campinas- SP: (s.n), 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2013.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

PIMENTA, S. G. *O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática?* **Cadernos de Pesquisa**, n. 94, p. 58–73, 1995.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

